

Romances e poemas transformados em peças: sim ou não?

Crítica de Barbara Heliodora para 'A paixão segundo G.H.' levanta discussão sobre adaptações literárias

Roberta Oliveira

Adaptar ou não adaptar um texto literário para o teatro? eis a questão. Não que a discussão seja nova, mas voltou à tona recentemente com a temporada de "A paixão segundo G.H.", adaptação de Fauzi Arap para o livro de Clarice Lispector. Em seu texto, a crítica de teatro do GLOBO, Barbara Heliodora, descrevia o espetáculo como "mais um exemplo da síndrome da literatura que vem atacando o teatro nacional nestes últimos tempos", acrescentando que "se fazer teatro não é fácil, não chega a ser muito compreensível esse insistente acréscimo nos obstáculos a serem superados até a hora do espetáculo, pelo uso de textos que não foram criados para o palco".

Levantada a discussão, autores, diretores e espectadores se dividem entre quem vê na opinião da crítica um preconceito em relação ao que não é texto teatral e quem concorda que há muita peça por aí para que se lance mão de obras que não nasceram para o palco. Mariana Lima, que em "A paixão segundo G.H." vive a mulher que revê a sua vida depois de matar uma barata, discorda da opinião da crítica. A atriz, que já esteve no elenco de adaptações como "O livro de Jó" e "Apocalipse 1.11", ambas versões livres do texto bíblico, acredita que, hoje, seja possível transformar praticamente tudo em teatro. E com qualidade.

Atriz comemora chance de "se apaixonar por Clarice"

— Esta visão de que só se podem montar textos teatrais é limitadora. A cena contemporânea tem trabalhado com várias fontes, não só com peças. O texto literário, por exemplo, é rico e glorioso. Tenho orgulho de estar fazendo "A paixão segundo G.H." — comemora Mariana, que depois da temporada no Centro Cultural Banco do Brasil viajou pelo país antes de voltar ao Rio. Como atriz, tem pouca chance de cumprir uma trajetória de montagens de clássicos. Estou sedenta por uma nova dramaturgia e tenho lido vários textos, mas enquanto não apare-



BEL KUTNER e Edney Giovanazzi em "Capitu", versão de Machado

ce um que eu queira montar, posso me apaixonar por Clarice Lispector.

Descoberto só recentemente pelo público carioca graças ao sucesso de "Novas diretrizes em tempos de paz", o dramaturgo paulista Bosco Brasil já perdeu a conta do número de convites recusados para adaptar uma obra literária. Com quase 20 peças encenadas, sempre que alguém o procura querendo convencê-lo a assinar uma adaptação Bosco reage da mesma forma: indica duas ou três peças que tocam nas mesmas questões abordadas pelo romance escolhido. Nem sempre funciona.

— Não tenho implicância nem sou um ardoroso defensor da obra dramática, mas acredito que estejamos vivendo um momento em que é preciso se debruçar mais sobre a literatura teatral, principalmente a brasileira. Os artistas precisam disso, o público também — diz Bosco Brasil, que, em alguns casos, identifica uma certa preguiça por parte de autores e diretores de se correr atrás de textos ainda inéditos. — Temos que admitir que o número de traduções de clássico é muito baixo e que a vanguarda mundial demora a chegar aqui. Se alguém se apaixonar por um

livro, dou força, mas lembro que não há tema que seja estranho ao teatro.

Marcus Vinicius Faustini anda apaixonado por Machado de Assis. Quem pode condená-lo? Depois de levar ao palco "Capitu", adaptação de "Dom Casmurro", o diretor está debruçado sobre outra obra do Bruxo do Cosme Velho. Em março, além de re apresentar "Capitu", Faustini estreia, na Academia Brasileira de Letras (ABL), "Memórias póstumas de Brás Cubas". Tendo encenado recentemente "A vida vale mais que Passat", o primeiro texto de sua autoria, o diretor não consegue enxergar a "síndrome da literatura" a que se refere a crítica. Os números não mentem. Foram 420 peças encenadas em 2002 no Rio. Destas, poucas são adaptações literárias.

— Acredito que seja benéfico mexer com tudo desde que o ponto de vista sempre seja o teatro, e não o mercado ou a vaidade. É importante que se leve a maior variedade possível de textos e gêneros e não enxergue nenhuma hegemonia. O sucesso de "Novas diretrizes em tempos de paz" é um exemplo disso — avalia Faustini, que já dirigiu uma adaptação de "A escrava Isaura". —



MARIANA LIMA em "A paixão segundo G.H.", versão de Fauzi Arap para obra homônima de Clarice Lispector



BIANCA RAMONEDA e Gabriel Braga em "Inutilidades": versos em cena

Acredito que seja possível, através do teatro, aproximar o público da literatura. No caso de "Capitu", muitos que não tinham lido o livro se interessaram por Machado.

Para crítica, literatura e teatro têm linhas diferentes

Voltando a elogiar o cuidado com que algumas adaptações são feitas, como no caso de "A paixão segundo G.H.", Barbara Heliodora esclarece que, principalmente no caso de obras-primas como esta de Clarice, não há como o teatro acrescentar algo já que, segundo ela, "tudo já estava inte-

gramentalmente dito no texto".

— Uma encenação não traz riqueza adicional para um texto que já se realizou perfeitamente na letra de forma. É como bordar paetês num pano de lamê bordado. Pode até ficar mais bonito, mas a tendência é ficar mais feio. E isso porque a literatura e a literatura dramática têm economias diferentes e objetivos diferentes — diz Barbara, admitindo que há na história do teatro brasileiro adaptações bem-sucedidas, como "Mulher carioca aos 22 anos", de Aderbal Freire-Filho. — Nesse caso, deu certo porque o original não é

uma grande literatura. Cada arte tem sua linguagem. Quanto melhor ela for realizada na linguagem original mais difícil será transpô-la para outra forma de arte. Adoro ler Shakespeare mas não tenho ilusões: ele escreveu para o palco.

"Mulher carioca aos 22 anos" é um exemplo, mas ainda há "Macunaima", de Antunes Filho, para lembrar o que provavelmente é o exemplo mais bem-sucedido, além de espetáculos que estrearam esse ano, como "Cinema Karamazov", adaptação de Celina Sodré para "Os irmãos Karamazov", de Dostoiévski, e "Ludwig e as irmãs Ritter, Dene, Voss", baseado em Thomas Bernhard. Na lista de 2002, duas peças traziam a assinatura do mesmo diretor, Moacir Chaves: "Inutilidades", que levava ao palco a poesia de Manoel de Barros, e "Por mares nunc dantes", versão do poema de Geraldino Carneiro. Para Barbara, enquanto o segundo pode ser chamado de teatro, o primeiro não.

— O que seria, então? Na arte contemporânea não há mais como dizer que isso é ou não é alguma coisa — questiona Moacir, prestes a estreiar uma versão do "Fausto", de Goethe. — Qualquer coisa pode ser matéria de cena, porque hoje o texto é apenas uma das matérias da cena, mas não mais o mais importante. Quem defende as peças em detrimento dos outros textos está pensando que o texto é prioritário, que a parte falada é fundamental, e não é. O texto é uma das matérias do teatro. ■

Mariano e Lubambo, dois cidadãos do mundo

Dupla brasileira lança disco em dueto e derruba todas as fronteiras nacionais na música

João Pimentel

Já são sete anos de uma parceria que nasceu meio que por acaso. O ano era 1995 e o pianista, arranjador e compositor Cesar Camargo Mariano, recém-chegado a Nova York, foi convidado para fazer uma apresentação da casa de jazz Blue Note. Na plateia, o violonista Romero Lubambo apreciava a apresentação e se surpreendia ao constatar que ali estava uma espécie de alma gêmea musical. Depois do show, Lubambo foi ao camarim e se apresentou a Mariano, que há muito vinha querendo conhecer o instrumentista brasileiro admirado pelos mestres do jazz. Tornaram-se amigos e parceiros de palco e resolveram registrar o trabalho em CD. "Dueto" (Trama) foi gravado em estúdio mas com clima de apresentação ao vivo.

— As pessoas ligadas à música e os amigos sempre sugeriam que gravássemos juntos. Mas nunca levamos esta ideia

adiante. Quando o João Marcello (Bóscoli, presidente da Trama) resolveu comprar a ideia do projeto pensamos em fazer o show de sempre, mas dentro do estúdio — conta Mariano. — Foram três dias para finalizarmos o disco todo. Entramos em estúdio e passamos duas vezes o show. Foi só ligar o botão e deixar a música rolar.

Ponte entre a música brasileira e americana

O repertório reproduz fielmente os shows que os dois fazem em temporadas regulares pelos Estados Unidos, pela Europa e até pelo Japão. "Samba dobrado", de Djavan, abre o disco de forma brasileira, assim como boa versão de "Fotografia" de Tom Jobim. O maestro Moacyr Santos é lembrado em "April child" e faz a ponte entre a música brasileira e a americana.

Por sinal, a ponte entre os dois países é marcante no trabalho dos dois músicos. Lubambo tem como influência a



ROMERO LUBAMBO e Cesar Camargo Mariano: parceria de sete anos

escola do jazz e um improviso marcadamente brasileiro. César Camargo Mariano, por sua vez, inspira-se em Pinguinha e Ernesto Nazareth e compara o choro ao jazz tradicional. O resultado é uma sonoridade que podemos chamar de universal. Ou seja, música verdadeiramente sem barreiras.

— Temos essas características individuais, mas quando nos juntamos surgem outros elementos que são frutos da nossa afinidade musical. Desde que nos encontramos para tocar pela primeira vez, em um show em Montreux, percebemos essa identificação rara — diz o pianista.

Ele explica que, normalmente, a afinidade, a atração musical em uma banda se dá pelo trabalho diário, pelo coletivo. Mas no caso de artistas de instrumentos diferentes, a coisa funciona de outra maneira. — A identificação musical acontece quando você faz um desenho harmônico que casa com o do outro. O desenho harmônico é muito pessoal, é a impressão digital do músico — explica Mariano. — Também temos estilos bastante parecidos, a diferença está mesmo no jeito de ser. O Romero é mais agressivo que eu, mais jazzista forte. Eu sou mais calmo.

No repertório que o duo costuma apresentar, duas composições chamam a atenção por terem sido feitas especialmente para o disco, respeitando a química que existe entre os dois instrumentistas. — Eu fiz o "Choro #7" pensando nos dois instrumentos. Em troca, o Romero fez "Mr. JR". Ele me mandou a música e depois adaptamos juntos. ■

NY não terá mais nova filial de Guggenheim

Fundação cancela projeto devido a cortes no orçamento

Enquanto o Rio de Janeiro continua a discutir o projeto do museu Guggenheim no pier da Praça Mauá, a zona portuária do sul de Manhattan acaba de perder o seu projeto de um novo museu da mesma grife. Uma mensagem enviada por e-mail à imprensa americana, a Fundação Solomon R. Guggenheim anunciou o cancelamento da construção do prédio desenhado pelo arquiteto Frank Gehry, nos piers 9, 13 e 14, ao sul da ponte do Brooklyn.

Thomas Krens, diretor da fundação, disse que seria fora da realidade gastar R\$ 950 milhões no projeto no momento em que vêm sendo feitos cortes no orçamento. Krens afirmou que a fundação vai crescer muito na próxima década e que um museu como esse ajudaria a revitalizar a região, mas que, "dada a atual situação, o projeto deverá ser repensado". ■

